

Espaço para juro cair

ANDREA CORDEIRO
E TINA EVARISTO

DA EQUIPE DO CORREIO

Depois de meses de dólar alto, risco-país subindo e ameaça da disparada da inflação, o país está diante da primeira oportunidade real para que a taxa de juros caia. A redução, na opinião dos mais otimistas, poderia acontecer ainda este mês, na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), que ocorre nos dias 20 e 21. A causa para o otimismo foi a confiança demonstrada pelo mercado quanto ao comportamento da inflação, além de dados positivos mais constantes nos mercados de câmbio e de títulos da dívida. Segundo pesquisa divulgada ontem pelo Banco Central, a expectativa em relação à inflação neste ano caiu pela primeira vez depois de três semanas contínuas de alta. Agora, o mercado projeta um Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de 12,39% para o acumulado do ano, contra 12,47% da pesquisa anterior.

A inflação alta, de acordo com o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, e o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, é a única barreira para a manutenção de juros altos no Brasil, hoje em 26,5%. Portanto, abre-se um caminho para que as taxas possam cair. O chefe da missão do Fundo Monetário Internacional (FMI), Jorge Márquez Ruarte, que esteve ontem no Ministério da Fazenda, comentou que as taxas de inflação ainda estão em níveis elevados, mas disse que a queda é um sinal positivo. "A expectativa é que a inflação siga baixando e que as taxas de juros acabem caindo", completou.

O economista Luís Suzigan, analista da LCA Consultores, explica que a expectativa do mercado de queda na inflação, apesar de ter sido modesta, é resultado

Cadu Gomes/Photo Agência



JORGE RUARTE COM ANTONIO PALOCCI: PARA CHEFE DA MISSÃO DO FMI, INFLAÇÃO DEVE CAIR MAIS E JUROS PODERÃO SER REDUZIDOS

do forte recuo do dólar. "No começo do ano, o mercado temia um primeiro semestre com dólar alto e volta da indexação salarial. Nada disso aconteceu. Com isso, a boa expectativa quanto à inflação abre espaço para que o Banco Central faça um corte cauteloso nos juros", avalia. Para Suzigan, a queda de juros pode chegar a 0,5 ponto percentual neste mês e a outro ponto em junho.

Cautela

André Braz, coordenador do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Fundação Getúlio Vargas, explica que a desaceleração na inflação está acontecendo porque os preços dos alimentos e dos combustíveis estão em queda.

Há economistas, no entanto,

que ressaltam que o recuo da inflação é circunstancial. Por isso, avaliam que o governo não terá condições de baixar a taxa já na próxima reunião do Copom. A principal razão é que, no futuro, a inflação volte a indicar percentuais menos favoráveis ao consumidor, caso haja altas substanciais na cotação da moeda norte-americana. O dólar ontem voltou a subir, fechou a R\$ 3,044, uma alta 2,3% com relação ao fechamento de sexta-feira (leia mais na página 9). "Precisamos estar seguros de que a inflação inercial será debelada. É provável que somente haja espaço para uma baixa dos juros em junho", opina Otávio de Barros, economista-chefe do BBV Banco. Ele acredita que o BC mante-

rá a taxa em 26,5% na próxima reunião. "O governo deve aproveitar a oportunidade para fazer com que a inflação se aproxime da meta de 8,5%. Porém, não acredito que esse percentual será atingido antes do primeiro trimestre de 2004", diz Barros.

O governo insiste em manter a meta, apesar do mercado trabalhar com números bem acima do projetado pela equipe econômica. Para a maioria dos analistas, é preciso indicações mais seguras de que a inflação continuará a trajetória de queda. "Ainda é cedo para comemorar. Se tivermos mais quedas persistentes nos próximos meses, aí o BC poderá considerar uma baixa dos juros", diz André Petersen, economista da Máxima Asset Management.